

Problemas de assistência

IV

Entre as causas económicas da miséria deveríamos ter enumerado também a família numerosa. Não o fizemos por dois motivos. Primeiro porque nos tremeu a mão quando iam a escrever que a abundância de filhos num lar saudável era causa de miséria. Segundo porque nos parece que esta causa não é puramente económica.

Tremeu-nos a mão... Mas a realidade é que todo aquêlo que se resolve a dar cidadãos à Pátria, braços ao trabalho produtor, valores intelectuais e morais à comunidade — não está provado que em regra geral os melhores valores saem precisamente das famílias numerosas? — recebe dessa mesma comunidade, como recompensa do cumprimento do seu dever social e moral, um atestado de pobreza e, quasi sempre, a acompanhá-lo um outro de estupidéz.

Duvidamos, porém, que deva ser atacada por meios puramente económicos.

Há quem o defenda, sobretudo, entre espiritos arrojados que se resolveram a lutar contra o dogmatismo nos compêndios de economia política saídos do classicismo socialista ou liberal. Não há muito ainda que lemos a opinião dum ilustrado industrial francês que defende enérgicamente o direito a um salário daquelas pessoas que *não devem trabalhar*: velhos, doentes, mulheres casadas ou destinadas ao casamento, e crianças até determinada idade.

O salário dos que não podem ou não devem trabalhar sairia da indústria ou do comércio sob a forma de pensões e subsídios, incluindo os subsídios de família. Segundo esta autorizada opinião — autorizada por vir de um importante industrial moderno — a miséria que tem a sua origem na fecundidade do lar, deveria ser suprimida por meios puramente económicos, e não diria portanto respeito à Assistência propriamente dita.

Não havendo porém numa Nação apenas forças económicas e não sendo só a economia a beneficiária duma forte natalidade, toda a Nação deveria ser chamada a solucionar o gravíssimo problema, a fim de que desapareça o contra-senso social que é poder enumerar-se entre as causas da miséria a família numerosa.

A economia por intermédio dum eficaz salário familiar, o fisco por uma modificação no sistema tributário tendente a aliviar dos encargos fiscaes os lares com determinado número de filhos, o Estado por uma contribuição permanente para as caixas de compensação do salário familiar, a Assistência por um especial carinho para com as famílias numerosas na distribuição dos seus benefícios, deveriam dar-se as mãos no comum esforço da reabilitação económica e social dos lares genericamente fecundos.

Se considerarmos, portanto, a família numerosa como causa não económica da miséria, iniciaremos com ela uma nova classificação: a das causas sociais e morais.

Entre as primeiras, teríamos de considerar o ardente desejo do luxo. Ninguém deseja apresentar-se mal e muitos esforçam-se até por apresentarem mais do que podem. Como na rua todos os olhos nos vêem, e de portas a dentro poucos sabem o que

se passa, gasta-se em bagatelas de aparato o que deveria destinar-se ao alimento. Na verdura dos anos o organismo resiste, mas não tarda que a fome opere os seus efeitos. A doença impede o trabalho e, logo que elle falta, entra a miséria que, depois de acudir às casas de penhores, vai bater à porta dos hospitais ou da Assistência. E' certo que a maior parte das doenças que diariamente aparecem nos hospitais à procura de tratamento são provocadas pela fome.

E se juntarmos a esta causa de miséria a má administração do lar, poderíamos ter como causa profunda a falta de educação social e familiar. Também a miséria provocada por esta causa se poderia prevenir se se decidisse entrar pelo caminho, difficil mas possível, da educação social e familiar das massas populares. Vigiados de perto as famílias pelos olhos atentos duma assistência amiga e salvadora,

o que houvesse de legítima conveniência nos gastos de vestuário ou de apresentação nunca seria obtido a custa do indispensável alimento. E este esforço educador evitaria muitos lares de cair irremediavelmente na insuficiência.

Os flagelos sociais — alcoolismo, tuberculose e sífilis — são também geradores de miséria, e em larga escala. Não só impedem o trabalho em certos casos, como também e sobretudo dão lugar ao nascimento de anormais. Um anormal é sempre uma desgraça familiar e quasi sempre uma desgraça social. Estas doenças deveriam ser enérgicamente atacadas pela Assistência e, se alguma coisa há já feito no que respeita à tuberculose, estão ainda por dar os primeiros passos no combate sistemático à sífilis e ao alcoolismo. No entanto, muita miséria se evitaria se as famílias em que grassam estes flagelos fossem acompanhadas de perto. Melhor seria empregar dotações orçamentais na profilaxia destes males do que em subsídios às suas vítimas.

Causas morais da miséria são sobretudo a taberna e a desmoralização.

A taberna não seria um grande mal numa sociedade que tivesse um nível económico e moral elevado. Num país como o nosso, em que o nível de vida é baixo, a taberna pode ser considerada um verdadeiro flagelo. Gasta-se em pouca coisa o que muita falta faz em casa, de tal maneira que uma boa parte dos que acodem à assistência não teriam dela tanta precisão se a fêria não ficasse pela taberna. A taberna não pode ser porém suprimida enquanto não se resolver o problema das habitações operárias e do emprego do tempo livre.

A desmoralização, causa moral de miséria, tem várias formas, mas uma em especial revoltante, sobretudo nos grandes centros. Referimo-nos ao abandono do lar, quasi sempre ilegal ou suplementar, e dos filhos d'ele nascidos, por aquêlo que é o principal responsável das vidas humanas que tinha voluntariamente ligado à sua. Quantas vezes nos tem sido respondido, ao perguntar pelo marido ou pelo pai aos filhos: — deixou-me e nunca mais quis saber de nós!

Estes homens — na maior das inconsciências ou das maldades — transferem voluntariamente para a comunidade os encargos que só a eles pertencem. A Assistência tem aqui a sua missão a cumprir, mas também a tinham os tribunais e a policia. Infelizmente, raras vezes podem estes intervir por falta de legislação adequada e eficaz. No entanto é esta uma das maiores e mais graves causas de toda a espécie de misérias.

Como se verifica, são vastos e variados os problemas que suscita uma boa organização da Assistência. Nem podem eles ser tratados, mas apenas ligeiramente esboçados, em artigos de jornal.

Uma coisa porém é evidente. Se não se ataca directamente a raiz do mal, as famílias que o Centro de Inquérito Assistencial declarou necessitadas ou dignas de Assistência, em Janeiro d'este ano só na Capital do Império, continuarão na miséria, por maiores auxílios que lhes possam ser dados, e outras se lhe virão juntar todos os anos, victimadas por sua vez.

Prouvera a Deus que pudesse haver, entre quantos deveriam resolver d'este problema a sua quota parte, aquela colaboração que a gravidade do mal aconselha e a todos impõe.

ABEL VARZIM